



**SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)

# **Clipping Local e Nacional On-line**

Nesta edição **8 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quinta-feira, 7 de julho de 2011

<b>O ESTADO DE SÃO PAULO</b> REAL FORTE, O PROBLEMA É OUTRO.....	1
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR ECONÔMICO</b> TÊXTEIS E CALÇADOS PUXAM PARA BAIXO PRODUÇÃO DE SC E CE.....	2
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR ECONÔMICO</b> EMPRESAS CHINESAS AJUDAM NA CRIAÇÃO DA 'NOVA JACARÉ' .....	4
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>CORREIO BRAZILIENSE</b> INDÚSTRIAS SENTEM O IMPACTO.....	5
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>BRASIL ECONÔMICO-SP</b> CONFIANÇA DOS EMPRESÁRIOS DO SETOR DIMINUI PELO SEGUNDO MÊS SEGUIDO .....	6
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>BRASIL ECONÔMICO-SP</b> CONSUMO JÁ DÁ SINAIS DE DESACELERAÇÃO .....	7
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>PORTAL A CRÍTICA</b> Guido Mantega acusa a China de manipular sua moeda .....	8
VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>PORTAL D24AM</b> Produção industrial do Amazonas cresce acima da média nacional .....	9
VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>REAL FORTE, O PROBLEMA É OUTRO</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

### Alberto Tamer - O Estado de S.Paulo

O **dólar** continua recuando, 3% em apenas seis dias, o fluxo cambial fechou o semestre com um saldo líquido de quase US\$ 40 bilhões e o ministro da Fazenda afirma que novas medidas podem ser contidas para conter a valorização do real. Há duas correntes de opiniões entre os analistas. Uma, olha com reserva esse cenário que não é novo. Ao contrário, vem se repetindo no correr dos últimos seis meses, mesmo sem o aumento de liquidez proporcionado pelas emissões diretas ou indiretas do banco central americano. A coluna se inclina por essa.

A outra corrente não anula a primeira, a complementa. O problema tem origens mais remotas e profundas.

**Dólar** a R\$ 1,55 é desastroso para a **produção** industrial, mas para reverter essa situação é preciso ir aos preços relativos. O "grande mal" é a excelente performance da economia brasileira que criou condições para atrair investimentos e capitais financeiros externos. A velha história de **exportar** imposto enquanto eles **exportam** subsídios. Um câmbio menor ajuda, mas não resolve, diz essa segunda corrente.

A nova diretora-gerente do FMI, Christine Lagarde, em sua primeira entrevista, assinalou a distorção provocada pelo afluxo excessivo de **dólares** para as economias emergentes, um desafio a enfrentar com urgência, mas afirmou que isso vai depender de cada país.

Mesmo **dólares**, mais real. É culpa do Fed, que andou inundando o **mercado** com mais de US\$ 1 trilhão de **dólares**? Antes, até se poderia dizer que sim. Agora, não. O Fed não jogou mais **dólares** no **mercado**, e o real continuou se valorizando. O **dólar** e o euro também não se desvalorizaram muito no exterior diante de uma cesta de moedas, mas no Brasil, sim. O mesmo ocorre com o yuan, sem grandes mudanças.

Alex Agostini, professor e economista-chefe da Austin Rating, se integra na segunda corrente. Em conversa com a coluna, ele afirma que só mexer no câmbio não resolve. Ele lembra que o ministro Guido Mantega voltou a reforçar sua preocupação com a moeda nacional e declarou que é possível

que haja novas medidas para tentar conter a valorização em curso. Agostini afirma que cambio não é tudo.

Miopia cambial. O governo tem tomado as medidas cabíveis para tentar conter a valorização do real. "Mas parece sofrer de miopia cambial. Ele acredita que o que está havendo é de fato uma valorização do real e, portanto, medidas focadas nesse **mercado** serão suficientes para neutralizar e, talvez, reverter o saldo deficitário das transações correntes. O que há de verdade, no entanto, é uma mudança estrutural e quase silenciosa que ocorre há mais de três décadas no eixo da economia mundial. Isso afeta de forma significativa a economia brasileira."

Ao revisitar os dados da evolução da formação do **PIB** mundial e da composição do **comércio** exterior global desde a década de 1960, verifica-se que as forças econômicas estão mudando, com transferência dos países desenvolvidos para os chamados emergentes. "No caso do Brasil, tal reflexo na moeda tem sido mais intenso apenas nos anos recentes em decorrência dos diversos anos de baixo de crises econômicas, bem como um **comércio** exterior extremamente fechado."

Agostini lembra que no caso da formação do **PIB** global as economias desenvolvidas (apenas considerando o G-7) reduziram sua participação de 67,1% na década de 1980 passando para 57,4% na década de 2000.

Já os emergentes tiveram sua participação elevada de 16,5% na década de 1980 para 25,6% na década de 2000. Nas **exportações** mundiais, a comparação é ainda pior, diz o economista-chefe da Austin. Enquanto os países desenvolvidos perderam 10,8 pontos percentuais entre a década de 1980 e 2000, os países emergentes aumentaram sua fatia em 16,3 pontos percentuais no mesmo período. Deve-se reconhecer que o **Brasil** mudou de patamar. Porém, a velocidade de mudanças nas relações comerciais e seus reflexos sobre o câmbio não são fatores apenas circunstanciais e, tampouco, medidas burocráticas serão suficientes para alterar o fortalecimento do real. Essa é uma realidade que veio para ficar.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>TÊXTEIS E CALÇADOS PUXAM PARA BAIXO <u>PRODUÇÃO</u> DE SC E CE</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Arícia Martins | De São Paulo**

**O mau desempenho das indústrias de calçados, artigos de couro e produtos têxteis está trazendo para baixo a produção industrial em Santa Catarina e no Ceará, Estados dependentes da produção desses setores.**

Apesar do crescimento de 1,6% da indústria nesse último Estado em maio sobre abril, feitos os ajustes sazonais, no acumulado do ano o setor fabril cearense acumula perda de 9,8%, segundo a Pesquisa Industrial Mensal (**PIM**) regional, divulgada ontem pelo IBGE. Em Santa Catarina, cuja produção caiu 2,4% na ponta, quinta variação negativa consecutiva, a queda acumulada entre janeiro e maio é de 3,8% na comparação com os mesmos meses de 2010.

Segundo sindicatos dos setores dos dois Estados consultados pelo Valor, a queda na demanda, a desaceleração da atividade econômica e a concorrência do produto importado estão afetando a produção de forma mais forte no primeiro semestre do ano.

O IBGE destaca em seu indicador conjuntural que o ramo de calçados e artigos de couro foi o principal responsável pela retração da indústria cearense nos cinco primeiros meses do ano, com queda de 24,3% no período em relação ao mesmo período do ano passado. Na mesma base de comparação, a produção têxtil caiu 7,6%. A produção têxtil de Santa Catarina diminuiu 18,2% na mesma ordem.

Para Francisco Paiva das Neves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados, Bolsas e Luvas do Ceará, a queda na produção do setor nos primeiros cinco meses do ano, que é sazonal, foi agravada pelo efeito câmbio e pelas importações da China.

De acordo com a Fundação Centro de Estudos do **Comércio** Exterior (Funcex), o volume importado de produtos têxteis pelo **Brasil** aumentou 24,5% entre janeiro e maio de 2011, na comparação com mesmo período ano passado. A importação no setor de artefatos de couro e calçados foi 35,6% maior no mesmo período.

O presidente do Sinditêxtil do Ceará, Ivan Bezerra Filho, destaca que o movimento de recuo é generalizado.

Na produção nacional, os setores têxtil e de calçados e artigos de couro tiveram a maior retração dentre os 27 gêneros da indústria pesquisados em janeiro a maio deste ano frente ao mesmo período de 2010, de 11,9% e 7%, respectivamente. "Só o fato de a economia estar crescendo metade do que cresceu no passado já dá um esfriamento", diz. A alta dos insumos com o choque do algodão no ano passado e o preço mais competitivo do importado também bateram com força na produtividade do setor, afirma Bezerra, para quem "infelizmente" o **Brasil** está passando por um processo de desindustrialização precoce. "O mercado sumiu. No Ceará, há duas fábricas paradas, em férias coletivas."

Em Santa Catarina, Estado que concentra 70% da manufatura de malhas e toalhas, a produção também foi atingida pelo inverno tardio neste ano, explica Ulrich Kuhn, presidente do Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau (Sintex) e membro do conselho da Hering. "Quando há uma primeira onda de frio antes do Dia das Mães, as compras do varejo são boas. Neste ano, o inverno está forte, mas tardio, o que afetou o varejo."

Outro fator de peso, segundo ele, é a queda substancial nas exportações de artigos de cama, mesa e banho, mas, para o presidente do Sintex, a alta nos insumos e o aumento das importações são os principais responsáveis pelos resultados ruins do setor neste ano.

Neves, representante dos trabalhadores têxteis do Ceará, ressalta que o recuo na produção do Estado se deu sobre 2010, ano excepcionalmente bom para as indústrias da região, quando, até maio, a produção da indústria cearense havia crescido 16,3%. "As empresas faturaram como jamais imaginaram ter faturado em um ano. As nove fábricas do Estado trabalharam sábados, domingos e feriados em 2010", conta. "Isso compensa de certa forma a queda nas exportações". Segundo a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), o setor de calçados e artigos de couro exportou 47% menos em volume de janeiro a abril deste ano sobre mesmo período de 2010.

Segundo o IBGE, a produção da indústria cresceu em 11 dos 14 locais pesquisados entre abril e maio.

Descontados os efeitos sazonais, o maior crescimento se deu em Goiás, com avanço de 15%, revertendo queda de 4,6% registrada nos últimos dois meses. Houve crescimento acima da média nacional, de 1,3%, na Bahia, com 4,5%, **Amazonas**, 3,9%, Paraná, com 3,6%, Pará, com 2,7%, São Paulo, com 1,9% e Ceará, com 1,6% de avanço da **produção** industrial entre abril e maio. Apresentaram resultados positivos, ainda que abaixo da média nacional, Pernambuco, com 0,8%, Minas Gerais, com 0,7% e Rio Grande do Sul, com 0,4% de avanço. A **produção** caiu em Santa Catarina (2,4%), Rio (1,8%) e Espírito Santo (0,3%). (Colaborou Bruno De Vizia)

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>EMPRESAS CHINESAS AJUDAM NA CRIAÇÃO DA 'NOVA JACAREÍ'</b>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

### Luciano Máximo | De Jacareí (SP)

**Jacareí assiste à chegada de grandes indústrias, especialmente as chinesas. Nos próximos meses a estatal Chery, uma das maiores montadoras da China, e a Sany Heavy Industries, fabricante de escavadeiras e guindastes, se instalam na cidade. Outras indústrias chinesas de menor porte, fornecedoras e parceiras das duas gigantes, serão atraídas.**

Além disso, a espanhola do setor automotivo Teknia Tecnotubo e o hipermercado americano Walmart já começaram a construção de suas unidades, enquanto Ambev e o grupo Cebrace, do setor de vidro, anunciaram a expansão de seus negócios na cidade. No total, estima-se que haverá US\$ 1,3 bilhão em investimentos (US\$ 600 milhões da Chery e da Sany) e a criação de 6,8 mil empregos diretos em cinco anos.

Os empreendimentos chineses irão para o norte do município - 35 milhões de m2 praticamente despovoados, à margem da rodovia Presidente Dutra. "É do lado de lá da Dutra que vamos fazer brotar do chão uma nova Jacareí", diz o prefeito Hamilton Ribeiro Mota (PT).

A chegada dos chineses agitou o **mercado** imobiliário, mudou o Plano Diretor da cidade e atraiu investimentos para qualificação de mão de obra. As escolas municipais Educa Mais, centros multidisciplinares que também oferecem cursos de formação profissional, estão em expansão. É em um desses espaços que Liew Fah Tchai ministra um dos cursos mais procurados: pelo menos 180 pessoas estão na fila de espera para aprender mandarim.

	VEÍCULO CORREIO BRAZILIENSE	EDITORIA	
	TÍTULO <b>INDÚSTRIAS SENTEM O IMPACTO</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

### Jorge Freitas

O **dólar** fraco segue produzindo estragos na indústria nacional. O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Luiz Aubert Neto, defendeu a adoção de uma política de defesa comercial, com restrição a licenças automáticas para **importação**, como forma de afastar o risco de desindustrialização do país. Na estimativa da entidade, o déficit comercial do setor de máquinas e equipamentos, de 2004 a 2011, chega a US\$ 65 bilhões. "Isso representa a geração de 191 mil empregos no exterior. Esses postos de trabalho poderiam estar estabelecidos no Brasil", disse o empresário aos senadores da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE).

O faturamento do setor de máquinas e equipamentos caiu cerca de 14% nos últimos sete anos, passando de R\$ 89,9 bilhões em 2004 para R\$ 77 bilhões neste ano. "O atual modelo econômico nos empurra para uma reprimarização da economia", afirmou Aubert Neto, após criticar a predominância de produtos primários na balança comercial brasileira.

Para Aguinaldo Diniz Filho, presidente da Associação Nacional da Indústria Têxtil (Abit), o setor é o maior prejudicado pela atual política cambial. As maiores perdas são um reflexo da concorrência com os produtos **importados** da China. No ano passado, o déficit comercial do segmento atingiu US\$ 5 bilhões.

### Acomodação

Os números da indústria nacional de maio, divulgados ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), mostram que não há tendência de crescimento ou de queda na atividade. "Como não há uma regularidade, podemos concluir que há uma certa acomodação no setor", disse o economista entidade Marcelo de Ávila. Avançaram os índices de emprego (0,4%) e utilização da capacidade instalada (0,2 ponto percentual) e recuaram o faturamento (-1,3%) e as horas trabalhadas (-0,5%).

	VEÍCULO <b>BRASIL ECONÔMICO-SP</b>	EDITORIA	
	TÍTULO <b>CONFIANÇA DOS EMPRESÁRIOS DO SETOR DIMINUI PELO SEGUNDO MÊS SEGUIDO</b>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

**O Índice de Confiança de Serviços (ICS)**, medido pela Fundação Getúlio Vargas, diminuiu pela segunda vez consecutiva, ao cair 1,4% de maio para junho de 2011. O indicador, que mede a confiança dos empresários do setor de serviços brasileiro, passou de 133,5 pontos em maio para 131,6 em junho. A queda foi motivada principalmente pela piora da avaliação da situação atual, que recuou 2,8% no período.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO <b>CONSUMO JÁ DÁ SINAIS DE DESACELERAÇÃO</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Se o aumento da participação dos importados na economia brasileira está prejudicando a indústria, do lado do varejo os efeitos são inversos.**

"Quando comparamos a curva de crescimento entre os dois segmentos, o descolamento fica evidente. Cada vez mais se abre a boca do jacaré", ironiza Luiz Rabi, gerente de indicadores de mercado da Serasa Experian. Ainda assim, a tendência é de arrefecimento do comércio, puxado pela alta dos juros e aperto o crédito, resultado da política onetária do Banco Central. Com as sucessivas elevações da taxa básica de juros (Selic) ao longo deste ano, as projeções da Federação do Comércio, Bens e Serviços de São Paulo (Fecomercio) foram reduzidas. No ano passado, a entidade previa alta de 5% para o faturamento do varejo paulista em 2011 - maior mercado do país. Hoje, a expectativa é de aumento de 2%.

"Neste semestre, é provável que nem haja crescimento", afirma Altamiro Carvalho, economista da Fecomercio. "Os juros anuais do mercado passaram de 40,6% em 2010 para 46,8% em maio deste ano.

Uma alta de quase 7 pontos percentuais é muito expressiva e tende a reduzir a demanda", diz. Analistas, contudo, apostam em mais duas elevações da Selic este ano, ambas de 0,25 p.p. Isso ocorrerá mesmo com expectativas de um Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 0,08% em junho, contra 0,47% em maio - o IBGE divulga hoje o dado oficial.

"Em maio tivemos a devolução das altas dos preços de alimentos e combustíveis, mas por questões pontuais, o que não consolida uma tendência para o ano todo", analisa Fábio Romão, economista da LCA Consultoria. Para 2011, ele acredita que a inflação ficará em 6% (contra 5,91% em 2010). Os efeitos do aperto monetário já serão mais claros na inflação de junho, mas os preços no setor de serviços devem demorar a ceder. "Há uma defasagem natural em serviços na comparação aos demais setores por conta de maior pressão de salários. O consumo já está arrefecendo e em breve será mais evidente se o BC está acertando na política monetária", completa. Para a inflação de serviços, a LCA projeta alta de 8,5% este ano (e 7,1% em 2012).

O IPCA está mais estabilizado este ano, apresentando altas de 0,8%, em média, entre janeiro e abril. Em maio já deu sinais mais claros de desaceleração (0,47%). "Ainda não há espaço para pensarmos em afrouxar a política monetária. No acumulado do ano já temos 3,71% de inflação", pondera o economista Celso Grisi, da Fractal Consultoria. "Não temos certeza de sérios ajustes nas contas públicas, o que torna o cenário ainda incerto".

	VEÍCULO PORTAL A CRÍTICA	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Guido Mantega acusa a China de manipular sua moeda</b>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

**"Obviamente, a China manipula sua moeda e seria melhor que a moeda oscilasse, inclusive na China", afirmou o ministro à imprensa, antes de participar em um fórum na capital francesa.**

**Mantega igualmente criticou a política monetária americana, ao considerar que o dólar está atualmente subvalorizado.**

**07 de Julho de 2011**

**France Presse**

PARIS, França, 7 Jul 2011 (AFP) -O ministro da Fazenda do Brasil, Guido Mantega, acusou nesta quinta-feira, em Paris, a China de manipular sua moeda e também criticou

os Estados Unidos por adotarem políticas que provocam uma subvalorização do dólar.

"Obviamente, a China manipula sua moeda e seria melhor que a moeda oscilasse, inclusive na China", afirmou o ministro à imprensa, antes de participar em um fórum na capital francesa.

Mantega igualmente criticou a política monetária americana, ao considerar que o dólar está atualmente subvalorizado.

	VEÍCULO PORTAL D24AM	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Produção industrial do Amazonas cresce acima da média nacional</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**A alta no Estado foi influenciada, entre outros fatores, pela fabricação de motocicletas e suas peças. Já o segmento de máquinas e equipamentos aumentou 43,3%.**

**Manaus** - A **produção** industrial do **Amazonas** cresceu 7,6% em maio deste ano, sobre maio de 2010, ficando quase três vezes acima da média nacional de 2,7% para o período, segundo a pesquisa mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A alta no Estado foi influenciada, entre outros fatores, pela fabricação de motocicletas e suas peças.

De acordo com o disseminador de informações do IBGE no **Amazonas**, Adjalma Nogueira Jaques, além do segmento de transportes que avançou 22,6% com a fabricação de motos e peças, o segmento de máquinas e equipamentos aumentou 43,3%, configurando-se como o segmento de maior evolução industrial do Estado, no comparativo entre os meses de maio deste ano e do ano passado.

Os segmentos de material eletrônico e equipamentos de comunicações aumentaram 10,2% e o segmento de equipamentos de instrumentação médico-hospitalar e óptico tiveram alta de 41,4%. “Nestes ramos, destacaram-se os telefones celulares, fornos de micro-ondas, condicionadores de ar e relógios”, afirma Jaques.

O IBGE analisa apenas dois tipos de indústrias no **Amazonas**: extrativista e de transformação. Esta última é

subdividida em dez segmentos, onde três deles tiveram redução na **produção**. O segmento de alimentos e bebidas caiu 15,9%, seguido por refino de petróleo e álcool (-6,3%) e o segmento de edição, impressão e **reprodução** de gravações (-4%).

“A principal pressão negativa veio de alimentos e bebidas, por conta da menor fabricação de preparações em pó e em xarope para elaboração de bebidas não alcoólicas, como refrigerantes”, explicou o disseminador de informações do IBGE no **Amazonas**.

Na avaliação do desempenho mensal da indústria local, a **produção** industrial amazonense de maio aumentou 3,9% sobre abril, após registrar diminuição de 8,6% em março e avançar 6,2% em abril.

No País, a **produção** industrial apresentou crescimento em oito dos 14 locais pesquisados, resultado superior ao de março (quatro locais com expansão) e de abril, com seis locais. Além do aumento no ritmo da **produção** em maio, houve também influência do efeito calendário, já que maio de 2011 (22 dias) teve um dia útil a mais do que maio de 2010 (21 dias).